

quenta turistas em Deir el-Bahari. Dez dias antes deste funesto acontecimento tinha entretanto a equipa húngara terminado os trabalhos de reconstrução do templo de Tot, nas alturas do Vale dos Reis. É de realçar o facto de o projecto contar com uma equipa multidisciplinar que incluiu, para além de egiptólogos e arqueólogos, vários especialistas em cerâmica, dendrologia, arqueozoologia, restauro e desenho, entre outros, dirigidos por Gyöző Vörös, um promissor representante da actual egiptologia húngara, onde pontificam os nomes de Vilmos Wessetzky, já falecido, e László Kákosy, ainda activo e a servir de dinâmico exemplo para os seus discípulos.

Luis Manuel de Araújo

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Antigo Egipto*, Coleção Nova História, Editorial Estampa, Lisboa, 1999, 470 pp., ISBN 972-33-1487-8

O objectivo de José das Candeias Sales ao publicar este seu útil trabalho sobre as divindades do antigo Egipto é revelado logo no preâmbulo: «apresentar, de forma mais objectiva possível, os contornos essenciais de cada divindade para, a partir daí, se poder constituir e apreender um quadro de referência susceptível de ajudar á compreensão de outras vertentes da realidade egípcia e até, por fim, da própria civilização do Egipto faraónico» (p. 11). O Autor, que é mestre em História das Civilizações Pré-Clássicas pela Universidade Nova de Lisboa e assistente da Universidade Aberta, teve de bem ponderar acerca do método que ia seguir para apresentar as mais de cem divindades seleccionadas e, reconhecendo que «o tratamento do panteão egípcio não é tarefa fácil, nem o caminho possível de trilhar uno e uniforme» (p. 15), numa temática onde coexistem diversos e por vezes discrepantes critérios de abordagem, justifica-se com arguta plausibilidade:

«Conduzidos por uma forte motivação pedagógica, devido às próprias condições de ensino, de produção e de divulgação de temas inerentes ao estudo das Sociedades, Civilizações e Culturas da Antiguidade Pré-Clássica entre nós, adoptámos um critério que, na nossa opinião, melhor capta a diversidade e multiplicidade de propostas, ou seja, melhor as sintetiza e agrupa» (p. 15). Por isso, a apresentação do essencial do panteão egípcio ficou subordinada ao seguinte esquema:

- Divindades dos primeiros tempos (pp. 91-190)
- Divindades protectoras da monarquia e do Egipto (pp. 191-268)

- Divindades da criação, da fertilidade e do nascimento (pp. 269-337)
- Divindades funerárias (pp. 339-365)
- Humanos deificados/O faraó como deus (pp. 367-382)
- Animais sagrados e divinizados (pp. 383-404)
- Deidades abstractas ou conceitos deificados (pp. 405-418)

Antes da apresentação das divindades inseridas neste alinhamento, pode o leitor colher uma boa preparação acerca da religião egípcia vista como «um sistema de interpretação do cosmos, uma ética e uma estética existencial» (pp. 19-89), enunciando-se as fontes do moderno conhecimento para o seu estudo (as fontes não literárias, e as fontes literárias coevas e tardias), os elementos essenciais da religião egípcia (iconografia e organização do panteão, o culto e os sacerdotes, os templos e a sua disposição básica), o fundamental culto dos mortos (com a minuciosa descrição dos processos de mumificação e de embalsamamento), os sistemas teológicos e cosmogónicos (cosmogonias de Heliópolis, Hermópolis, Mênfis e Tebas), a magia, a superstição e a feitiçaria, fechando com o legado da civilização egípcia, onde a religião assumiu um papel preponderante como sua verdadeira essência.

Segue-se o núcleo de apresentação das divindades, profusamente ilustrado e com explicativas legendas (poucas são as divindades sem a correspondente ilustração, e uma delas, Nepri, tem a sua imagem na p. 313), sublinhando-se que o desfile dos deuses e deusas compulsados é bem antecedido por um texto introdutório. Remata-se a Obra com uma apropriada conclusão (pp. 419-425), apêndices (pp. 427-437), bibliografia (pp. 439-451), que podia ter sido ainda mais enriquecida com os preciosos artigos temáticos dos sete volumes do *Lexikon der Ägyptologie* (Wiesbaden, 1972-1986), e índices.

Poucos reparos se poderão fazer a este volume, que de modo algum ofuscam a sua qualidade: as expressões «primeiros profetas do deus» ou «primeiro profeta», mesmo na sua apresentação entre aspas (p. 39), podem induzir em erro, sendo preferível referir o primeiro sacerdote e sumo sacerdote; melhor que a enxada *adze*, representada em versão inglesa (p. 41), ficaria a expressão *uer-hekau* (também utilizada para um típico bastão da cerimónia de abertura da boca mencionado na p. 42); na p. 47 o templo mostrado na fig. 22 foi erigido por Ramsés III para a barca de Amon entre o primeiro e o segundo pilones de Karnak, e é no seu templo funerário de Medinet Habu que está a cena de Ramsés III mostrada na p. 311, fig. 395; na p. 225, fig. 271, o que se vê é a apresentação de Amen-hotep III e do seu *ka*

a Amon-Ré; as plumas de Bés são semelhantes a Anuket e não a Satet, figurada com uma coroa branca de cornamenta afilada (p. 318; cf. pp. 302-203), enfim, diminutas anomalias que se entendem num trabalho desta envergadura.

Por outro lado, os números dos capítulos do «Livro dos Mortos» deveriam, para uma mais fácil identificação, vir com algarismos árabes: apreende-se melhor o «capítulo 187» que o pesado «capítulo CLXXXVII». Não é habitual a vírgula de separação entre as formas hieroglíficas e as correspondentes transliterações, como aqui se observa num grafismo perturbador e tornado ainda mais denso com o uso de parênteses isoladores nos blocos hieroglíficos colocados ao longo do texto. Seria ainda recomendável a opção pelo nome de Ammut (p. 358; cf. Amakhu, p. 357 e Amheh, p. 365), e pela forma Ptolemeu usada pela maioria dos autores portugueses e até estrangeiros. Uma segunda edição, que se antevê e se deseja, poderá levar em conta estas notas soltas e despreziosas.

Aqui se corrobora o que no preâmbulo da Obra se diz quanto ao feliz e eficaz «processamento selectivo da informação, de forma sintética, objectiva, estruturada», num trabalho enriquecido por quem tem as bases necessárias e alicerçadas numa pesquisa aturada, com um objectivo que nesta área complexa dos estudos egiptológicos não estará ao alcance de todos: saber transmitir aos outros, de forma séria, o que se sabe. Acresce ainda um outro factor de peso, que decorre da solidez dos conhecimentos e que permitiu com apreciável à-vontade e comedimento «apresentar algumas reflexões pessoais sobre os elementos em tratamento, emitindo opiniões, equacionando vectores e organizando argumentos»: a clareza do texto, assim tornado acessível ao público em geral.

Há, no restrito mundo universitário, e no mais amplo mundo editorial e nos meios de comunicação, algo mais importante que anunciar o que se pretende fazer — é fazê-lo, e fazê-lo bem. E em boa hora José das Candeias Sales o fez, proporcionando a um significativo e cada vez maior número de leitores que apreciam os temas ligados ao antigo Egipto um prático e instrutivo manual sobre as divindades egípcias e, através delas, facultar uma chave para a compreensão da cultura faraónica assente no firme substrato da religião. Trata-se, enfim, de uma Obra que vem preencher uma lacuna na bibliografia egiptológica em português e que será muito útil para quem a consultar, nomeadamente os alunos universitários.

Luís Manuel de Araújo